

Uma data para celebrar? As representações do 12 de outubro sob o olhar decolonial

A date to celebrate? The representations of October 12 under the decolonial gaze

Doris Cristina Vicente da Silva Matos¹
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
doris@academico.ufs.br

<https://orcid.org/0000-0002-0977-2221>

Gabriela Rodrigues Botelho²
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
gabibotelho@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4738-6724>

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar quais elementos semióticos são marcados para construir os sentidos do 12 de outubro no mundo hispânico e como repercutem atualmente. Para tanto, analisamos quatro postagens feitas no dia 12 de outubro de 2020, na conta oficial no Instagram do *Gaturro* e os comentários dos seguidores sobre o conteúdo postado. A análise está alinhada ao campo teórico da Linguística Aplicada que busca compreender como as práticas sociais constituem e são constituídas pela linguagem (Fabrício, 2017) e ao entendimento de que o meio digital é um espaço em disputa entre os atores sociais (Wood; Smith, 2005). Partimos dos estudos decoloniais, considerando o processo colonial como um advento histórico que influencia na constituição de datas comemorativas, nas representações, nas identidades sociais e na construção da linguagem a partir, principalmente, da racialização (Quijano, 2005; Veronelli, 2019). A investigação é de natureza aplicada, com abordagem qualitativa de pesquisa social

¹ Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Professora Associada do Departamento de Letras Estrangeiras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Grupo de Pesquisa DInterLin: Diálogos Interculturais e Linguísticos.

² Doutoranda em Estudos Linguísticos na Linha de Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é professora substituta no Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba. Membro do Grupo de Pesquisa DInterLin: Diálogos Interculturais e Linguísticos

online e de cunho descritivo-interpretativista. Os resultados apontaram que nos comentários há questionamentos sobre os sentidos da data, porém os elementos semióticos das quatro postagens encadeiam ideários coloniais como: a imagem cristalizada dos povos indígenas, a fé cristã, o nacionalismo e a figura de Colombo, reforçando colonialidades.

Palavras-chave: linguagem; colonialidades; decolonialidade.

Abstract: This work aims to analyze which semiotic elements are marked to build the meanings of October 12 in the Hispanic world, as well as their current impact. To do so, we analyzed four posts made on October 12, 2020, on Gaturro's official Instagram account and the comments of followers about the posted content. The analysis is aligned both with the theoretical field of Applied Linguistics, which seeks to understand how social practices constitute and are constituted by language (Fabrício, 2017), and with the understanding that the digital environment is a space permeated by disputes among social actors (Wood; Smith, 2005). Decolonial studies inform this investigation, given that we consider the colonial process as a historical advent that influences the constitution of commemorative dates, representations, social identities, and the construction of language, mainly based on racialization (Quijano, 2005; Veronelli, 2019). The investigation is of an applied nature, with a qualitative approach to online social research, in addition to being characterized as descriptive-interpretative. The results showed that the comments question the meanings of the date; however, the semiotic elements of the four posts are linked to colonial ideas such as: the crystallized image of indigenous peoples, the Christian faith, nationalism, and the figure of Columbus, reinforcing colonialities.

Keywords: language; colonialities; decoloniality.

Considerações iniciais

As reflexões deste artigo são fruto dos debates realizados na disciplina LETR0646 Linguística Aplicada ao Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira III, ofertada ao Curso de Licenciatura em Letras/Espanhol da Universidade Federal de Sergipe. Parte da práxis docente da professora titular da disciplina e de sua, à época, orientanda de Mestrado que realizava o tirocínio docente, no ano de 2020. Naquela ocasião, utilizamos os textos aqui analisados e protagonizados pelo personagem *Gaturro* para ilustrar a relação entre linguagem, representação e identidade. Através desse recorte, foi possível debater conceitos abordados ao longo da disciplina como: estereótipo, representação, multiculturalismo e interculturalidade, decolonialidade, entendendo que a depender de como mobilizamos esses conceitos é possível reforçar ou romper com visões cristalizadas sobre a língua e seus falantes.

As produções foram veiculadas em 12 de outubro de 2020, no *Instagram* do chargista argentino criador do personagem, Cristian Dzwonik, mais conhecido como Nik. A página conta com cerca de

540 mil seguidores³, o que evidencia a circulação dessas imagens no mundo hispânico, em especial, na Argentina. Considerando que as discussões se deram na esfera da formação de professores, analisamos os sentidos que emergem de cada composição no que se refere à efeméride do 12 de outubro, pois esses sentidos podem estar presentes em materiais didáticos ou em outros contextos de circulação da língua espanhola, sendo necessário um olhar atento dos professores/as ao abordar tal material.

Ao longo do século XX o dia 12 de outubro ficou marcado como o Dia da Raça, sendo celebrado oficialmente em pelo menos catorze países hispânicos, nos quais alude à chegada dos espanhóis nas Américas, ao feriado católico em homenagem à *Virgen del Pilar*⁴ e à miscigenação (Sánchez, 2018). Contudo, desde os anos 2000, a efeméride vem ganhando destaque pelo teor de luta e resistência dos povos originários e afrodescendentes. Destarte, o objetivo deste trabalho é analisar os sentidos invocados para sustentar ambas as narrativas. Interessa-nos saber, a partir da linguagem, quais elementos semióticos são marcados para construir uma ou outra memória e como eles dialogam entre si.

Para tanto, analisamos quatro postagens feitas no dia 12 de outubro de 2020, nas quais é possível identificar sentidos históricos adaptados à contemporaneidade. Já os comentários das publicações apontam a dualidade presente no mundo hispânico quando se fala em colonização, por um lado há os sujeitos que se prendem a uma herança supostamente gloriosa e por outro os que tentam ressignificar a data e a percepção sobre o processo colonial.

Essa pesquisa alinha-se à Linguística Aplicada ao buscar compreender como as práticas sociais constituem e são constituídas pela linguagem. Justificamos essa proposta por possibilitar a interpretação de um debate que está posto na sociedade e, através da linguagem, repercute diferentes sentidos para os mesmos acontecimentos. Para Fabrício (2017), as práticas de linguagem, mesmo ao repetir sentidos consolidados abrem possibilidades de intervenção na significação de modo a criar novos repertórios de sentidos. As redes sociais favorecem tais intervenções, ainda que de forma truncada, por isso a relevância em compreender as significações estabelecidas. Nas palavras da autora “esses ciclos textuais não são neutros; pelo contrário, são performativos no sentido de que, na circulação, criam perspectivas sobre a experiência, forjando nosso entendimento de contexto e de realidade” (Fabrício, 2017, p. 22). São esses entendimentos que a pesquisa visa identificar.

Consideramos, como afirmam Wood e Smith (2005), que há uma tendência de que o espaço digital se torne mais uma zona de controle, por ser mais acessado pela cultura dominante, mas não deixa de possibilitar ações de resistência. Para os autores, ainda que as ações alternativas não desfrutem de grande apoio, nesse ambiente, podem reverberar um contradiscurso estabelecendo algum tipo de comunicação para além da visão dominante. Neste trabalho, por exemplo, a rede social se mostrou um lugar de disputa ao afetar os sentidos cristalizados do 12 de outubro. Ainda que o responsável pela conta do *Instagram* não defenda uma posição específica, os seguidores se sentiram à vontade para fazê-lo.

A investigação é de natureza aplicada (Gil, 2002), com abordagem qualitativa para pesquisa

³ Dados de abril de 2022.

⁴ No Brasil é conhecida como Nossa Senhora Aparecida ou Virgem Maria.

social *online* (Flick, 2013) e objetivo descritivo-interpretativista (Moita Lopes, 1994) a partir do qual analisamos o conteúdo das postagens e a reação dos seguidores no *Instagram*. Os nomes nas imagens e as fontes foram omitidos para manter as identidades em sigilo. Como forma de identificar as estruturas coloniais que se mantêm na comunicação e por conseguinte as possibilidades decoloniais de intervenção, tomamos como base os estudos decoloniais e, em especial, os conceitos de colonialidade do poder (Quijano, 2005) e colonialidade da linguagem (Veronelli, 2019).

O texto se divide em quatro partes além dessa introdução. Na primeira seção, apresentamos as implicações do conceito raça do ponto de vista da colonialidade e da linguagem, bem como, sua complexidade no contexto da colonização hispânica. Em seguida, realizamos as análises expondo os sentidos do 12 de outubro ecoados nas postagens e nas reações dos seguidores, com foco no contexto argentino. Na terceira seção, exibimos as reflexões pedagógicas realizadas durante o tirocínio docente. Por fim, expomos as conclusões do estudo demonstrando que nas análises houve uma tendência maior aos posicionamentos que mantêm as colonialidades, do que para os posicionamentos potencialmente decoloniais.

Colonialidades, raça e linguagem

Dentre os estudos de americanistas e sobre a América Latina, alinhamo-nos às investigações que consideram o longo período de colonização imposto a esse território como um processo de codificações sociais forjadas na subalternização dos povos colonizados. A manutenção dessas hierarquias, após o término do regime colonialista, foi denominada por Quijano (2005) como colonialidade do poder, que se sustenta na ideia de raça, no eurocentrismo e na divisão social do trabalho:

Na América, a idéia [sic] de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram a elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela a elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então, demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais (Quijano, 2005, p. 107-108).

O cenário descrito pelo autor fica mais complexo diante da realidade de miscigenação vivenciada a partir da colonização, na qual a perspectiva eurocêntrica de mundo age como um espelho distorcendo a imagem dos povos colonizados, permitindo que se reconheçam apenas em partes, como se fosse possível escolher entre a descendência europeia ou as locais (Quijano, 2005). Durante o surgimento das repúblicas, nutriu-se a exaltação dos povos europeus e a denegação de outros povos, reforçando a dualidade entre as descendências. Com base na ideia de evolução das raças, com foco em separar grupos

humanos entre mais e menos avançados, a miscigenação deixou de ser vista como forma de degenerar a raça branca para ser a única forma de as nações independentes progredirem em termos civilizatórios ao alcançar o branqueamento. Nesse contexto, raça se estabelece como categoria de ordenação social, seja para almejar algo “novo” a partir mestiçagem, que levará à europeização ou para negar a humanidade dos povos originários e afrodescendentes (Quijano, 2005).

Diante do alcance do termo, entre os séculos XVIII e XIX, começa-se a falar em raça latina, raça hispânica ou ibérica, no intuito de fortalecer os países de língua espanhola sob julgo da Espanha. Naquele período, as comemorações do dia 12 de outubro se relacionavam à figura de Cristóvão Colombo tanto na Espanha, quanto na América.

Além da memória em comum da chegada dos espanhóis, outras questões tornaram o 12 de outubro proeminente. Oliveira Neto (2019) alerta para os entraves políticos da época, já que, após o declínio do império espanhol, potências como França, Inglaterra e Estados Unidos buscavam liderar as recém nações americanas:

Com a perda de suas colônias nas Américas, surgiu na Espanha a ideologia do hispanismo, a fim de realizar o que Ortiz denominou de uma reconquista das Américas. Segundo esta ideologia, as ex-colônias espanholas possuíam um estreito vínculo com a Espanha, tendo uma língua, religião e aspirações em comum. Apoiado nos conceitos que dividiam o mundo em germânico, anglo-saxônico e latino, promoveram a ideia do panhispanismo. Em outras palavras, as ex-colônias espanholas ao invés de serem consideradas latinas deveriam ser hispânicas (Oliveira Neto, 2019, p. 137).

Assim, como afirma Birkenmaier (2012), o 12 de outubro se transformou no Dia da Raça no contexto de pós-independência, como uma celebração do que há em comum no contexto de colonização hispânica e poderia ser relacionado aos povos indígenas, à ascendência ibérica, à mestiçagem ou às nações recém criadas. Contudo, o foco era o fortalecimento diante de investidas supostamente externas, para isso, evocava-se aspectos culturais que colocavam a Espanha em proeminência reafirmando que o elo entre as nações era a Pátria Mãe (Birkenmaier, 2012). Com o apoio da elite crioula e de imigrantes espanhóis nas América a efeméride e os valores por ela difundidos ganharam aceitação popular.

Conjecturas sobre a nomenclatura indicam que o mais adequado seria relacionar a data ao termo cultura, porém, segundo Birkenmaier (2012) no fim do século XIX e começo do século XX, essa palavra circulava no âmbito da antropologia sendo de difícil compreensão popular. Para a autora, mesmo os intelectuais, em sua grande parte, ainda entendiam o termo como uma melhoria de hábitos, os quais em uma linha evolutiva humana culminariam na erudição das artes e literatura. Em função disso, valorizava-se os purismos culturais, sendo a própria língua espanhola entendida como o real legado da colonização, a língua que, teoricamente, não havia se corrompido com indigenismos ou africanismos, sendo a continuação da cultura espanhola (Birkenmaier, 2012). Essas constatações apontam o eurocentrismo (Quijano, 2005) na ideia de raça e cultura.

De igual maneira, os sentidos do termo raça naquele período, tampouco, eram positivos. Já havia consenso sobre sua falsidade no âmbito biológico e consolidava-se sua concepção sociológica, como uma construção social. Ainda assim, era de fácil assimilação popular, já que o termo era bastante deba-

tido nas Américas devido às especulações sobre a formação humana a partir da miscigenação das três raças (indígenas, negros e brancos).

As teorizações entorno do termo raça vinham ganhando conotações afetivas, conforme explica a pesquisadora Birkenmaier (2012). Seja pela relação com os hábitos culturais como a língua, aspecto defendido pelo intelectual Henríquez Ureña; seja por sua relação geográfica, isto é, o surgimento de uma nova raça a partir da América Latina, como apontou Alfonso Reyes; seja pelo aspecto espiritual, defendido nas elucubrações de José Vasconcelos, o que se relacionava também à fé cristã; ou mesmo pelas nacionalidades que se formavam e passavam a ser interpretadas como uma raça própria, como indicou José Martí (Birkenmaier, 2012). Esse conjunto de elementos, ainda que exaltando a união de indígenas, negros e brancos mantinham a Espanha como referente central.

Portanto, o sentido utilizado para raça nas comemorações do 12 de outubro, não evocava, diretamente, critérios biológicos ou de cor da pele, mas derivava do conceito de cultura. Segundo Birkenmaier (2012, p. 203) “*Ortiz fue el único intelectual y antropólogo latinoamericano que cuestionó desde el principio el nombre mismo del Día de la Raza. También fue el único que movilizó, en vez de ello, el concepto de cultura*”. Para Ortiz, a interpretação da história das Américas seria possível se compreendêssemos as etnias que a compõem, a abordagem do dia da raça não colaborava para isso, ao contrário, reforçava o desconhecimento sobre a diversidade latino-americana e ignorava as diferenças culturais e históricas em relação à Espanha (Birkenmaier, 2012).

Diante do exposto, a nomenclatura mais difundida nas comemorações do dia 12 de outubro continua sendo Dia da Raça. A primeira proposta para sua instituição ocorreu em 1913 na Espanha, sendo oficializada em 1918 (Sánchez, 2018). Nos anos seguintes, a conjuntura política da 1ª Guerra Mundial, influenciou na adesão dos países hispânicos à comemoração, já que era uma forma de demonstrar fidelidade à Espanha e seu bloco de atuação no conflito mundial (Sánchez, 2018). A ocasião do centenário da independência das nações hispano-americanas, também impulsionou a adesão ao Dia da Raça, uma vez que, a maioria dessas nações queriam manter o vínculo à Pátria Mãe.

De acordo com a pesquisadora Sánchez (2018), em 1958 foi proposta a mudança do nome para Dia da Hispanidade. Ainda que o termo já figurasse nas discussões de intelectuais sobre o sentimento comum de pertença ao contexto de colonização hispânica, para a autora, pretendia-se com isso aproximar os ideais nacionalistas da ditadura de Franco à identidade hispânica. Um movimento contrário foi realizado em 2009, quando o Instituto Cervantes⁵ institucionalizou o dia 21 de junho como o Dia E, a festa de todos que falam espanhol. Esse movimento pode ser atrelado às investidas econômicas da Espanha para promoção da língua, desde os anos 1990, porém também parece apontar “[...] para uma necessidade de se afastar de um ideário, de uma visão de língua atrelada ao nacional-catolicismo franquista [...]” (Sánchez, 2019, p. 15). Outras denominações foram outorgadas ao dia 12 de outubro tanto nas ex-colônias quanto na Espanha. Destacamos aqui as que mais se difundiram e ecoam sentidos de pertencimento.

É importante ressaltar a mudança de paradigma na compreensão de construto cultural e sua relação com o 12 de outubro, pois como afirma Sánchez (2018, p. 35) no início do século XX “predominou

⁵ Instituto Cervantes é uma instituição responsável pela difusão da língua e cultura espanhola.

uma maneira única, monolítica, de entender a unidade cultural de cada nação que dá lugar, na segunda metade de esse [sic] século, ao multiculturalismo”. Essa mudança é notável na proposta do Dia E que abrange não apenas a cultura hispânica, mas os países que falam espanhol. Aqui, a língua volta a ter centralidade, porém agora entendida no âmbito internacional de comunicação para além da cultura comum com as ex-colônias, mas não podemos deixar de notar que é uma iniciativa espanhola, portanto ainda hierárquica e hegemônica.

De acordo com Lagares (2013), a difusão da língua como recurso econômico, a partir dos anos 1990, por parte da Espanha, é conhecida como pan-hispanismo. Esse movimento se assemelha no nome e nas intenções ao movimento descrito no início do século XX, já que, ambos preconizavam uma política cultural e linguística piramidal, na qual a variante ibérica era a norma, subordinando as demais variantes do espanhol e contribuindo para a hierarquização das diferenças linguísticas e culturais:

As noções de “hispânico”, “hispanidade” e “hispanismo”, enfim, que condensam o sentido político atribuído à língua espanhola como garantia de unidade cultural, teriam se formado a partir de uma série de apagamentos e de exclusões, sempre contestados por visões alternativas que lutam contra a sua hegemonia (Lagares, 2013, p. 393).

A luta contra-hegemônica encontrou visibilidade no 12 de outubro, quando movimentos constituídos principalmente por povos originários da América e afrodescendentes em diáspora, passaram a questionar os sentidos da comemoração. Sánchez (2018) relaciona eventos históricos como a descolonização na África, a organização dos movimentos indígenas no continente americano, os fluxos migratórios e o advento da globalização no final do século XX, como conjunturas que favoreceram os questionamentos impetrados ao sentido de descobrimento, unidade cultural e celebração religiosa do Dia da Raça.

Uma das consequências dessas reivindicações foi a alteração da denominação da efeméride em vários países. Na Venezuela, passou a ser chamada Dia da Resistência Indígena (2002); no Peru, Dia dos Povos Originários e do Diálogo Intercultural (2009); na Argentina, Dia do Respeito à Diversidade Cultural (2010); e na Bolívia Dia da Descolonização (2011); por exemplo. Em todos os casos a ideia de raça sai do foco.

As alterações mencionadas podem ser consideradas um direcionamento decolonial para a compreensão dos fatos históricos, na medida em que não partem de concepções eurocêntricas objetando a ideia de raça e seu corolário. Esse movimento permite a automeação e por conseguinte o protagonismo de povos, até então, ignorados na construção da história coletiva e nacional. Ouvir essas vozes e considerar suas reivindicações como algo importante para a unidade cultural de um país ou região pode ser um movimento decolonial ao deslocar o branco europeu da representação do universal e aderir à pluralidade como representativa de brancos e não brancos.

Como afirma Veronelli (2019), no processo colonial não apenas os aspectos físicos ou condições históricas são racializadas, mas tudo é visto pelas lentes raciais, inclusive as línguas, as formas de expressão e o próprio diálogo. Para a autora, de acordo com o paradigma colonial uma língua só era vista como tal se contemplasse critérios eurocêntricos (escrita, civilização, acesso à deus, etc.). Dessa maneira, para que se fizesse parte da chamada raça hispânica seria imprescindível adotar a língua e cultura dita

espanhola, conformando o que a autora denomina como colonialidade da linguagem. A quebra desse paradigma seria a compressão de linguagem a partir da disposição à comunicação (Veronelli, 2019).

Segundo a autora, o pensamento colonial parte do princípio de que o colonizado, devido à racialização, não é um interlocutor legítimo, já que não é passível de racionalidade ou expressividade humana, logo, não há comunicação, mas um *monolenguajeo*, uma restrição da interação às expectativas do falante que detém o poder (colonizador). Essa forma de interação é desumanizante, porque silencia o indivíduo e em sentido amplo, anula a linguagem comum dos grupos racializados, seus pensamentos, cosmovisão, compreensão de mundo e etc. (Veronelli, 2019).

Não se trata de uma comunicação hostil ou de um desentendimento comunicacional, mas de uma condição pré-estabelecida de interação, na qual, ao interlocutor, por ser racializado, é negada sua condição de expressividade. A autora complementa explicando que, o *lenguajear*, enquanto comunicação espontânea em dada situação de interação pode contar com uma comunidade de fala para desenvolver sua expressividade, porém o *monolenguajear* é limitado à relação de amo e escravo. Se o *lenguajear* permite a compreensão dos povos subalternizados enquanto agentes ativos na construção da linguagem, o *monolenguajear* é uma linguagem violenta que impede esse desenvolvimento (Veronelli, 2019).

Os discursos em torno ao Dia da Raça demonstram uma relação entre as colonialidades (no caso desse artigo com foco na colonialidade do poder e da linguagem) e as particularidades da racialização em cada país de colonização hispânica. Na Argentina, contexto de produção das postagens aqui analisadas, se sustenta uma suposta divisão entre identidade nacional e indígena, confirmando uma tendência latino-americana descrita no início dessa seção. Esse discurso é evidenciado por Belvedere et al (2012) ao examinar embates discursivos entre não-indígenas e indígenas no parlamento, quando um representante dos povos originários afirma ser argentino e indígena ao mesmo tempo, reivindicando a legitimidade de sua participação nas decisões políticas do país. Os autores atribuem esse discurso divisionista à forma de integração racial imposta nos países latino-americanos pelo regime colonial e os governos subsequentes, como vemos em Belvedere et al (2012, p. 29, grifo dos autores):

Esperava-se que essa integração, acompanhada de operações sociopolíticas de *desenvolvimento, modernização e progresso*, bem como de processos biológicos de hibridação, tivesse como resultado a perda de sua condição de indígenas e, especialmente, de seus direitos coletivos. A negação dos direitos negativos dos povos indígenas como tais derivou na violação massiva dos direitos humanos individuais de seus integrantes.

Desse modo, o discurso divisionista parte de uma visão de raça e linguagem pautada na colonialidade como formas de silenciamento dos povos originários. Quijano (2005), explica que a conformação do Estado argentino foi marcada pela expropriação da terra indígena e pela forte imigração europeia que, embora tivesse dificuldades em se identificar culturalmente, se unia na rejeição explícita da cultura latino-americana e dos povos originários. Em termos raciais, a identidade branca veio se sobrepondo às demais identidades caracterizando o que se nomeia por branquitude:

Analisando a visão do europeu sobre os não europeus, pode-se concluir que aquele ganhou em força e em identidade, uma espécie de identidade substituta, clandestina, subterrânea,

colocando-se como “homem universal”, em comparação com os não-europeus. Assim, foi no bojo do processo de colonização que se constituiu a branquitude. Os europeus, brancos, foram criando uma identidade comum usou os africanos, negros, como principal contraste. A natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão (Bento, 2022, p. 19).

De forma semelhante, a racialização indígena também foi utilizada para criar contrastes de superioridade e inferioridade étnico-racial e desigualdades na Argentina. Na próxima seção, veremos como essa interação assimétrica acontece no contexto digital, por ocasião dos sentidos ecoados no 12 de outubro de 2020.

Sentidos (de)coloniais do 12 de outubro no Instagram

Dentre as postagens do dia 12 de outubro de 2020, chamou-nos a atenção as publicações realizadas na conta oficial do Instagram do Gaturro, personagem criado pelo cartunista argentino Cristian Dzwonik, mais conhecido como Nik, com cerca de 520 mil seguidores. A sequência de imagens vinculadas à data e o apelo de representatividade que o personagem da tira cômica opera em relação ao ensino de espanhol, abrangendo inclusive falantes de espanhol como língua adicional, foram determinantes para decidirmos realizar a análise do material durante o tirocínio docente na disciplina LETR0646 Linguística Aplicada ao Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira III, ofertada ao Curso de Licenciatura em Letras/Espanhol da Universidade Federal de Sergipe, no ano de 2020.

Além das imagens, as interações ao longo de cada postagem ilustram as disputas discursivas em torno ao 12 de outubro e seus significados para os falantes de língua espanhola. Assim sendo, optamos por selecionar amostras de comentários que representam os discursos de maior repercussão em cada postagem. A disposição dos comentários, na maioria dos casos, não segue uma ordem cronológica, pois muitos deles apenas reagem à postagem e não necessariamente, compõem uma conversa. Nas situações em que há reação à alguma resposta específica, indicamos esse fato nas observações sobre a postagem. Também enfatizamos que não é possível identificar a nacionalidade de cada interagente, apenas que o pano de fundo das discussões era o momento de pandemia de covid-19 vivenciado na Argentina. Na sequência, apresentamos a primeira imagem vinculada:

A representação faz referência aos povos indígenas como sendo parte da diversidade contemplada no dia 12, dialogando com o nome da data na Argentina. De forma estereotipada (Hall, 2006), a caricatura reúne expressões culturais que identificam uma mulher indígena generalizando os povos originários. Embora, tente resguardar o protagonismo desses povos à comemoração, não demonstra a importância dessa ressignificação, cristalizando a imagem folclórica que os não indígenas têm dos povos originários.

É importante lembrar que com o deslocamento do sentido do termo raça do biológico para o social, raça ganhou o sentido de cultura, como vimos na seção anterior, nesse processo o preconceito que antes era direcionado à capacidade cognitiva, cor da pele e aos traços fenotípicos foram potencializados para o comportamento, hábitos e manifestações culturais. Dessa maneira, a generalização dos povos indígenas a partir das vestimentas, por exemplo, mantém o imaginário eurocêntrico de redução do outro.

Figura 1. Dia do Respeito à Diversidade Cultural



Fonte: Conta do Instagram

Essa publicação rendeu 60 comentários⁶, dos quais, 25 reivindicavam o nome da data como Dia da Raça; 1 aludia ao descobrimento; 2 ao dia da raça e da hispanidade; 2 comentários reivindicavam a data como Dia da Hispanidade; 2 comentários foram contrários ao novo nome; 6 questionaram os sentidos da data defendendo o dia da diversidade cultural; e 1 pessoa comentou com ícones da bandeira da argentina; os demais comentários se remetiam a outros assuntos. Vejamos alguns exemplos:

Figura 2. Comentários referentes à figura 1



Fonte: Conta do Instagram

⁶ Levantados em junho de 2021.

A discussão resultou em posicionamentos contra e a favor ao novo nome da data. Nenhum comentário se ateve ao fato de que a caricatura generaliza a imagem dos povos indígenas. A preocupação era garantir o sentido da celebração. As pessoas favoráveis ao novo nome da data se prenderam aos argumentos que demonstram as ações negativas da colonização, apontando o que chamamos colonialidades, presentes ainda hoje. Por sua vez, as pessoas contrárias à nova nomenclatura usaram argumentos de autoridade como: “*No se puede cambiar un hecho histórico: Descubrimiento de América, 12 de octubre de 1492. Lo demás son construcciones retóricas*”. Aqui, o *monolenguaje* (Veronelli, 2019) se estabelece pela indisponibilidade ao diálogo, não há comunicação, de fato, apenas fixação de posições. Vejamos a segunda imagem vinculada na mesma conta:

Figura 3. Dia da *Virgen del Pilar*



Fonte: Conta do Instagram

A imagem gerou 302 comentários todos demonstrando concordância com a postagem e a fé cristã. Não houve espaço para discussão ou ambiguidade no sentido gerado. Embora nos comentários de outras postagens apareça o elemento religioso como análogo à colonização, nos comentários dessa postagem não há essa relação. Vejamos alguns exemplos de reação dos seguidores:

Sánchez (2018, p. 29) chama a atenção para a aparente coincidência das comemorações serem realizadas na mesma data, já que faz referência ao caráter missionário da colonização:

É fundamental observar que já na Espanha, o 12 de outubro era e é celebrada uma festa religiosa em honra da padroeira nacional, a *Virgen del Pilar* e durante toda a semana acontecem festividades na sua homenagem. Na mesma data, na Espanha, se superpõe uma celebração a outra.

Figura 4. Comentários referentes à figura 3



Fonte: Conta do Instagram

De acordo com a autora, no início da celebração da data havia um apelo religioso devido a compreensão de raça ser fundamentada em aspectos culturais da qual a religião e a língua se destacavam. No período franquista esse apelo foi retomado com caráter autoritário de unidade identitária. Em outros momentos essa relação foi menos evidenciada, ainda que reforçasse o simbolismo da data na Espanha e nas Américas. Nessa postagem o *monolenguajeo* (Veronelli, 2019) se sustenta ao forçar o silêncio, pois é provável que pela religião ser vista como incontestável, restrinja também o questionamento dos sentidos da data. Vejamos a terceira imagem:

A terceira postagem gerou 80 comentários, dos quais 10 se remetiam à exaltação da pátria argentina; 18 reagiram com ícones da bandeira; 16 apontaram a necessidade de união entre o povo argentino, sobretudo pela situação de pandemia; 15 se posicionaram contra ou a favor do atual governo. Houve 9 reações citando governos anteriores e as manifestações que ocorriam naquele dia em protesto às decisões sobre a pandemia; além de 12 comentários com outros temas ou ícones. Vejamos alguns exemplos:

Figura 5. Bandeira da Argentina



Fonte: Conta do Instagram

Figura 6. Comentários referentes à figura 5



Fonte: Conta do Instagram

Essa postagem despertou reações mais violentas, como exemplifica o último comentário que é uma resposta ao comentário anterior. É possível encontrar situações de *monolenguajeo* (Veronelli, 2019) tanto no silenciamento do outro, quanto nas alternativas únicas de resposta para a insatisfação nacional que, levam à sobreposição do todo às diferenças. Ainda que as redes sociais se caracterizem mais por ser um campo de embates do que de debates, não há uma busca por entendimento dos motivos da manifestação que aconteceu naquele dia ou das ações governamentais, apenas posições fixas do que deve ser feito, ambas desconsiderando o interlocutor.

Algumas reações entenderam a bandeira como símbolo de todos os argentinos, independente das diferenças partidárias ou de interesses. Entretanto, as populações indígenas e afrodescendentes, na sua diversidade, não necessariamente estão incluídas nos interesses desse todo, a não ser quando assimiladas. Sánchez (2018) indica a necessidade de diluição das identidades no chamado crisol das raças, isto é, o caldeirão cultural que caracteriza a América Latina precisaria diluir as identidades para chegar a algo próprio. O que não se evidencia é que se esperava que desse processo sobressaíssem os aspectos brancos europeus.

A autora demonstra que as comemorações do dia da raça, desde seu início, conformavam cerimônias de exaltação do Estado e referências europeias. Discursos de autoridades, desfiles militares, reuniões em clubes elitizados, eram parte do ritual, ainda que se pretendesse agregar a todos (Sánchez, 2018). Os ícones da celebração (Mio Cid, Cervantes, Colombo, *Virgen del Pilar*...) exemplificam o caráter brancocêntrico e europeu da efeméride, bem como a expectativa de que a suposta raça se tornasse branca.

Em relação aos símbolos pátrios, González (2019) sugere que na Argentina a escola poderia relacionar tais atributos às simbologias de outras culturas como dos povos originários, valorizando e visibilizando essas culturas e agregando-as ao nacional. Essa observação parece importante para demonstrar o distanciamento entre o que é considerado o todo e o que é considerado diverso na concepção de nacional no país. A seguir exibimos a quarta imagem:

Essa última postagem tem como foco a figura de Colombo e alude à chegada dos espanhóis na América recobrando um caráter burlesco, humilhante em relação à imagem dos indígenas. Os sentidos de descobrimento e de atraso cultural para os indígenas são reforçados de forma bastante

Figura 7. Charge: chegada de Colombo na América



Fonte: Conta do Instagram

pejorativa, como se a alteração cultural entre esses povos dependesse da intervenção de grupos não indígenas, como os brancos europeus. Aqui fica explícita a menção ao momento de pandemia, ao indicar que a única diferença dos indígenas daquele período histórico para o atual seria o uso de máscara. Vejamos os comentários sobre essa postagem:

Sánchez (2018) ao analisar publicações de uma famosa revista argentina para o público infanto-juvenil, aponta as repetidas representações de Colombo como ícone de avanço civilizatório diante

Figura 8. Comentários referentes à figura 7



Fonte: Conta do Instagram

dos indígenas. Para a autora, as publicações estão paradas no tempo, repetindo ano a ano a mesma mensagem em cada edição referente ao 12 de outubro. Como podemos observar tal visão é vinculada na charge acima, indicando que segue corrente na sociedade, assim como segue a ignorância sobre os povos indígenas.

É importante ressaltar que dos 84 comentários referentes à charge, 9 contestaram o teor pejorativo do humor apresentado, a esmagadora maioria riu junto e concordou com a imagem de atraso perpetuada em relação aos indígenas. Aqui, o *monolenguajeo* (Veronelli, 2019) determina um lugar para o interlocutor indígena, o do riso, da piada e do atraso. Ainda que haja comentários que colocam outras visões, ao menos nesse grupo de seguidores, prevalece a linguagem respaldada pelas colonialidades.

Entendemos que as postagens instigam reações do público geral, já que os elementos semióticos dialogam com todo o mundo hispânico, inclusive com aqueles que não têm o espanhol como língua materna ou que não sejam naturais de um país hispânico, uma vez que língua, cultura e nacionalidade ainda compõem o imaginário da comunidade hispânica. De igual maneira, reconhecemos que instiga em particular o público argentino ao interpretar os sentidos do 12 de outubro no mundo hispânico a partir do seu território nacional.

Em todos os elementos há um apelo de união nacional ou hispânica, formando a cultura comum, que encontra elo nas raízes espanholas. Conforme explica Quijano (2005) a ideia de raça impetrada pela colonialidade do poder é um impeditivo da consolidação do sentimento de pertencimento em países latino-americanos. Isso leva à necessidade de que elementos da cultura façam essa ligação. O autor explica que, especificamente na Argentina, “a extrema concentração da propriedade da terra, em particular das terras conquistadas aos índios, tornou impossível qualquer tipo de relações sociais democráticas entre os próprios brancos e em consequência de toda relação política democrática” (Quijano, 2005, p. 121). Essa desigualdade compromete o próprio sentimento de Nação.

A mudança da nomenclatura do 12 de outubro na Argentina tem como base os princípios dos direitos humanos, não abrangendo, necessariamente, a descolonização enquanto movimento social que emergiu na América Latina no início dos anos 2000, isso explica a intensão de abarcar um todo sob a concepção de diversidade cultural, refletindo na nomenclatura escolhida (Sánchez, 2018; Gonzáles, 2019).

Ainda cabe questionar se representar a diversidade de forma estereotipada é de fato uma tentativa de valorização, já que fica demonstrado que com esse tipo de abordagem não é possível haver diálogo, escuta e interpelação do interlocutor retratado, no caso, os povos originários. É preciso mencionar que, ainda que na Argentina devido a empresa colonial a população afrodescendente seja pequena, essa se quer é registrada como parte das celebrações da data. Além disso, cabe pensar o que se entende por diversidade, pois nas postagens parece se relacionar à um grupo específico, tomando a branquitude como referência racial e não à gama de elementos que compõem a sociedade (brancos, negros, indígenas, asiáticos, entre outros grupos étnico-raciais).

Nessa perspectiva, Matos (2020) chama a atenção para a necessidade de pensar o currículo escolar, as homenagens às culturas minoritizadas e a conscientização das diferenças culturais para além das datas comemorativas. Ainda que essas datas sejam o ápice de discussões sobre o tema, os trabalhos não podem ser tão pontuais, para não incorrerem na desarticulação com a realidade da população que

se pretende valorizar. Segundo a autora, é preciso pensar formas decoloniais de resistência a currículos coloniais, indagando os estereótipos que hegemonizam e silenciam as identidades latino-americanas:

As memórias do nosso período colonial devem ser rememoradas de maneira a desenvolver consciência crítica de um passado doloroso que deixa rastro em nossa sociedade até hoje, mas o resgate positivo do legado da diáspora africana e dos povos originários pode contribuir para sua representatividade na vida dos estudantes, através da educação linguística em espanhol (Matos, 2020, p. 108).

Entendemos que proporcionar esse debate na formação de professores também seja uma forma de desestabilizar os currículos, tanto os do ensino universitário quanto os da educação básica, possível campo de atuação dos futuros docentes. Ademais, provoca um diálogo entre a realidade brasileira e o mundo hispânico sobre o processo colonial.

Formação docente sob um olhar decolonial

Durante o tirocínio docente na disciplina LETR0646 Linguística Aplicada ao Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira III, ofertada ao Curso de Licenciatura em Letras/Espanhol da Universidade Federal de Sergipe, optamos por focar a discussão nas duas imagens protagonizadas por Gaturro. Para estimular a reflexão sobre a Figura 1 – Caricatura: Dia do Respeito à Diversidade Cultural, partimos do conceito de representação e estereótipo. Assim, os/as docentes em formação puderam apontar aspectos desses conceitos na caricatura em questão.

Em relação à representação destacou-se o fato de a linguagem (verbal e não verbal) vincular as representações de sentidos compartilhados por uma cultura (Hall, 2016), sendo que na Figura 1 há uma representação do pensamento dominante do que é ser indígena, o que neste caso, diz mais sobre uma cultura de branquitude (Bento, 2022) do que dos povos originários, propriamente. Também foi sinalizado pelos docentes em formação que tal composição mantém um padrão colonizado de compreensão da cultura do outro vinculando estereótipos e fixando a identidade alheia.

Essa afirmação foi sustentada através do conceito de estereotipagem, como explica Hall (2016), por ser uma forma de limitar os grupos sociais a algumas características mais perceptíveis, reduzindo suas existências a esses elementos. Além disso, “outra característica da estereotipagem é sua prática de fechamento e exclusão. Simbolicamente, ela fixa os limites e exclui tudo o que não lhe pertence” (Hall, 2016, p. 192). Ao relacionar esses conceitos os docentes em formação questionaram a imagem folclorizada da caricatura de Gaturro como indígena afirmando que é uma maneira de reduzir a expressão dos povos originários e automaticamente excluir do imaginário social qualquer outra forma de ser indígena. Foi apontado também, que esse tipo de construção imagética justifica e sustenta comportamentos preconceituosos, como o estranhamento das pessoas ao verem indígenas que vivem na cidade ou que não seguem o estereótipo demarcado. Ainda houve o reconhecimento de que, parentemente, há um esforço em reconhecer a importância da diversidade relacionada ao 12 de outubro, no entanto, na prática, o que mantém-se a representação superficial do outro.

Já as discussões sobre possíveis abordagens da Figura 7 - Charge: Chegada de Colombo na América, em um ambiente de educação linguística em espanhol se direcionam para, pelo menos, dois conceitos dos quais nos ocupamos na disciplina LETR0646 Linguística Aplicada ao Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira III: multiculturalismo e a interculturalidade. Segundo Paraquett (2010, p. 144): “percebe-se que há uma diferença ideológica entre as duas perspectivas, pois enquanto no primeiro caso não há a convivência entre as diferenças, no segundo a ideia é exatamente a de interdependência”. Dessa maneira, sob o viés multicultural (ao menos em sua forma mais difundida), segundo os/as docentes em formação, podemos considerar que há uma certa normalidade nas relações estabelecidas na charge, já que não é esperado a convivência ou a compreensão da realidade do outro, apenas um compartilhamento do mesmo espaço físico. Enquanto que sob o viés intercultural, uma vez que é perceptível as desigualdades na convivência dos grupos sociais representados, as posições sociais precisam ser questionadas.

Lessa (2013), chama a atenção para o papel ético dos professores em apresentarem diferentes memórias e discursos que constituem a língua de aprendizagem, o que na educação linguística em espanhol, implica em desmistificar a homogeneização das culturas indígenas, expor sua diversidade, os conflitos e as assimetrias identitárias que são fruto da colonização. Nas palavras da autora: “se as culturas latino-americanas e suas variedades linguísticas são tratadas periféricamente ou omitidas nos livros didáticos cabe ao professor problematizar essa questão e fazer opções que ampliem o horizonte cultural dos aprendizes” (LESSA, 2013, p. 25). Entendemos, assim como afirma a pesquisadora, que esses posicionamentos são escolhas do/a docente ao se ocupar de uma educação para a cidadania.

Podemos afirmar que as reflexões despertaram inquietações ao longo da disciplina, resultando nas observações expostas nessa seção. Assim, demonstramos o engajamento da turma no debate proposto pela professora titular da disciplina e a pela pesquisadora em tirocínio. Os conceitos como: estereótipo, multiculturalismo e interculturalidade foram mobilizados como fundamentação teórica para compreender o papel da linguagem e as possibilidades de atuação dos professores diante dos discursos apresentados. Somando esses conceitos a uma perspectiva decolonial, foi possível propor leituras e posturas críticas em relação à linguagem e à educação linguística em espanhol.

Considerações finais

Compreendemos a língua e a linguagem como prática social, isto é, como uma forma de ação no mundo (Moita Lopes, 2009) e, dessa maneira, se faz necessário visibilizar a heterogeneidade linguística e de seus falantes, o que no contexto da educação linguística em espanhol compreende, dentre outros aspectos, a diversidade dos povos originários. Os textos aqui analisados refletem, a partir da linguagem, as construções de imaginários coloniais sobre esses povos, demonstrando as hierarquias de poder estabelecidas com base nas colonialidades, além do silenciamento das expressões indígenas. Essas constatações foram centrais na reflexão junto aos professores em formação, no intuito de desvelar o discurso colonizador e proporcionar novos posicionamentos diante do uso da língua, no âmbito da educação linguística em espanhol.

Durante o tirocínio docente, na disciplina LETR0646 Linguística Aplicada ao Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira III, buscamos estudar realidades nas quais a linguagem é central para a manutenção ou desestabilização das opressões sociais. As situações apresentadas, assim como as produções aqui analisadas, são reflexo de discursos que circulam na sociedade seja reforçando a narrativa colonial, seja buscando apresentar alternativas de compreensão dos fatos históricos sob a perspectiva de diferentes grupos sociais. Portanto, podem estar presentes na escola, no imaginário dos alunos e professores, ou mesmo no material didático, o que demanda preparo para abordar tais temáticas.

Ao longo deste artigo demonstramos que a maioria dos comentários analisados concordam com os sentidos gerados na sequência de postagem sendo favoráveis à ideia de raça, como exaltação do nacional ou hispânico e contrárias à ideia apresentada de diversidade; favoráveis à fé cristã e a bandeira como símbolo de conexão de um todo; e se divertiram com a fala pejorativa de Colombo na charge. Não por acaso, esses símbolos tendem a excluir do entendimento de coletivo os povos minoritarizados (Silva Júnior; Matos, 2019) ou os aceitam se assimilados, como coadjuvantes, inferiores.

Os comentários das postagens mesmo defendendo o dia da diversidade não estão atentos a essas questões, pois se preocupam em demarcar a data como uma valorização dos povos originários, no entanto seguem afirmando a diversidade para esses povos e não como um valor de todos, ou seja, mantem-se a referência colonial de raça. É interessante notar que ao longo das mudanças do sentido da data não há exaltação explícita de que seria a raça branca o ideal, isso se marca pelas referências apresentadas e pela leitura do outro, do que é tido como diverso, caracterizando aspectos de branquitude (Bento, 2022). Essa construção pode ser entendida como colonialidade da linguagem, pois limita a expressão dos interlocutores ao imaginário branco ocidental europeizado e oblitera a expressão dos demais povos. Ao mesmo tempo se baseia na colonialidade do poder ao sustentar a raça (no sentido colonial) e seus desdobramentos, tendo o eurocentrismo como ideologia e a divisão social do trabalho como as posições sociais aceitáveis para cada grupo.

É possível concluir que os elementos semióticos postados dialogam entre si criando um *monolenguajeo* (Veronelli, 2019) que repercute sentidos coloniais do dia 12 de outubro e não favorecem a comunicação entre visões diversas sobre essa data. Ainda que as postagens tenham proporcionado intervenções nos sentidos consolidados, são falas com pouca escuta, ao menos para os que discordam dessas posições. Por fim, o ciclo textual gerado pelas postagens e comentários demonstram que, mesmo o diálogo não sendo estabelecido entre os interagentes discordantes, através do meio digital é possível visibilizar pensamentos que questionam a festividade acrítica atribuída ao 12 de outubro.

Dentre as limitações da pesquisa reconhecemos que é um recorte pequeno do que pode ser investigado em relação aos sentidos atuais do 12 de outubro, já que em outras regiões da América Latina há um apelo decolonial mais forte, podendo contrastar com as visões encontradas aqui. Entendemos que esse pode ser um campo de pesquisas futuras, bem como outros espaços de comunicação online que contemplem essa temática, uma vez que esses espaços têm se mostrado como lugar de afirmação ou desestabilização a partir da linguagem. Tais discussões, ocorridas na esfera da formação de professores de espanhol, constituem atravessamentos praxiológicos que buscam a construção de uma educação linguística potencialmente decolonial.

Referências

- BIRKENMAIER, A. 2012. Entre filología y antropología: Fernando Ortiz y el Día de la Raza. *Antipod. Rev. Antropol. Arqueol.* **15**: 193-218. <http://dx.doi.org/10.7440/antipoda15.2012.08>
- BELVEDERE, C; CAGGIANO, D. C; COURTIS, C; HALPERN, G; LENTON, D; PACECCA, M. I. 2012. Argentina: sinopse da situação. In: T. A. VAN DIJK (org.), *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo, Contexto, p. 25-71.
- BENTO, M. A. 2022. *O pacto da branquitude*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 152 p.
- FABRÍCIO, B. F. 2017. “Repetir-repetir até ficar diferente”: práticas descoloniais em um blog educacional. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, **18** (2): 9-26. <https://doi.org/10.26512/les.v18i2.5788>
- FLICK, U. 2013. *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciante*. Porto Alegre, Penso, 256 p.
- GIL, A. C. 2002. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed., São Paulo, Atlas, 176 p.
- GONZÁLEZ, C. S. 2015. Del Día de la Raza al Día del Respeto a la Diversidad Cultural: el camino hacia la práctica, ¿es posible? In: Jornadas de Investigación en Humanidades: homenaje a Cecilia Borrel / Daiana Agesta... [et al.], 6, Bahía Blanca, *Anais...* Bahía Blanca, EDIUNS, **24**: 1321-1325.
- HALL, S. 2016. *Cultura e representação*. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, p. 260.
- INSTAGRAM. 2020. *12 de outubro*. Disponível em: https://instagram.com/gaturro?utm_medium=copy_link. Acesso em: 06/06/2021.
- LAGARES, X. C. 2013. O espaço político da língua espanhola no mundo. *Trab. Ling. Aplic.*, **v.52** (2): 385-408. <https://doi.org/10.1590/S0103-18132013000200009>
- LESSA, G. S. M. 2013. Memórias e identidades latino-americanas invisíveis e silenciadas no ensino-aprendizagem de espanhol e o papel do professor. In: F. ZOLIN-VESZ. (org.). *A (In)Visibilidade da América Latina no ensino de espanhol*. Campinas, Pontes Editores, p. 17-27.
- MATOS, D. C. V. da S. 2020. Decolonialidade e currículo: repensando práticas em espanhol. In: C. A. MENDONÇA E SILVA (org.), *América latina e língua espanhola: discussões decoloniais*. Campinas, Pontes Editores, p. 93-115.
- MOITA LOPES, L. P. da. 1994. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A.*, **10** (2): 329-338.
- MOITA LOPES, L. P. 2009. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: R. C. PEREIRA; P. ROCA. (org.). *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo, Contexto, p. 11-24.

OLIVEIRA NETO, A. B. 2019. *Mulatez e transculturação: Um estudo comparado entre a poesia de Nicolás Guillén e a antropologia de Fernando Ortiz*. Brasília, DF, Tese de Doutorado. Universidade Federal de Brasília - UnB, 286 p.

PARAQUETT, M. 2010. Multiculturalismo, interculturalismo e ensino/aprendizagem de espanhol para brasileiros. In: E. G. M. COSTA; C. S. BARROS (orgs.). *Coleção explorando o ensino*. Brasília, Ministério da Educação, p. 137-156.

QUIJANO, A. 2005. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: E. LANDER, (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires, CLACSO, p. 24-32.

SÁNCHEZ, B. A. K. de. 2018. *12 de outubro no mundo hispânico: reconfigurações de um dispositivo memorial*. São Paulo, Associação Brasileira de Hispanistas, 157 p.

SILVA JÚNIOR, A. C.; MATOS, D. C. V. da S. 2019. Linguística Aplicada e o SULEar: práticas decoloniais na educação linguística em espanhol. *Revista Interdisciplinar Sulear*, UEMG, Edição Especial Dossiê SULEar, Ano 2, 2: 101-116.

VERONELLI, G. A. 2019. La colonialidad del lenguaje y el monolenguajar como práctica lingüística de racialización. *Polifonia*, 26 (44): 146-159.

WOOD, A.; SMITH, M. 2005. *Online communication: Linking technology, identity, and culture*. 2^a ed., Mahwah, Lawrence Erlbaum Associates, 264 p.

Submetido: 22/03/2022

Aceito: 21/10/2022